

## Línguas em contato na Amazônia: Português e Parkatêjê

### *Languages in contact in the Amazon: Portuguese and Parkatêjê*

### *Lenguas en contacto en la Amazonía: portugués y parkatêjê*

Marília de N. Ferreira<sup>1</sup>

 0000-0001-9995-1938

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo apresentar uma situação de contato entre o português e uma língua indígena, na Amazônia. Com base em um referencial teórico da Sociolinguística, observar-se-ão exemplos de possíveis empréstimos e *code-switching* extraídos de textos publicados em livro de autoria indígena. A metodologia empregada foi a da pesquisa bibliográfica seguida pela seleção de trechos, com características de empréstimos e de *code-switching*, considerando-se o texto de Treffers-Daller (2023). A situação sociolinguística da língua parkatêjê não permitiu a criação de um *corpus* monolíngue ou bilíngue por meio do qual se pudesse contrapor os fenômenos em estudo. Desse modo, a pesquisa foi realizada em uma base mais qualitativa, contando com a interpretação dos dados, a partir dos estudos já feitos sobre empréstimo e *code-switching*. Como resultados, pode-se atestar que ambos os fenômenos são usuais naquele ambiente de contato, havendo empréstimos lexicais, mas também gramaticais, além de um repertório de ocorrências de *code-switching*, em ambas as línguas.

**Palavras-Chave:** parkatêjê; português; contato de língua.

**ABSTRACT:** This article aims to present a situation of contact between Portuguese and an indigenous language in the Amazon. Based on a theoretical framework from Sociolinguistics, examples of possible loanwords and code-switching extracted from texts published in books by indigenous authors will be observed. The methodology used was bibliographical research followed by the selection of excerpts with loanwords and code-switching characteristics, considering the text by Treffers-Daller (2023). The sociolinguistic situation of the Parkatêjê language did not allow the creation of a monolingual or bilingual corpus through which the phenomena under study could be contrasted. Therefore, the research was carried out on qualitative basis relying on the interpretation of data based on studies already carried out on loanwords and code-switching. As a result, it can be attested that both phenomena are common in that contact environment, with lexical and grammatical loanwords, in addition to a repertoire of code-switching occurrences, in both languages.

---

<sup>1</sup> Doutora em Linguística pela UNICAMP (Campinas, São Paulo) e La Trobe University (Melbourne, Austrália). Professora Titular da Universidade Federal do Pará e Bolsista de Produtividade em Pesquisa 1D do CNPq. marilia@ufpa.br

**Keywords:** parkatêjê; portuguese; language contact.

**RESUMEN:** Este artículo tiene como objetivo presentar una situación de contacto entre el portugués y una lengua indígena, en la Amazonia. A partir de un marco teórico proveniente de la Sociolingüística, se observarán ejemplos de posibles préstamos y cambios de código extraídos de textos publicados en libros de autores indígenas. La metodología utilizada fue la investigación bibliográfica seguida de la selección de extractos, con características de préstamo y cambio de código, considerando el texto de Treffers-Daller (2023). La situación sociolingüística de la lengua Parkatêjê no permitió la creación de un corpus monolingüe o bilingüe a través del cual se pudieran contrastar los fenómenos estudiados. Por lo tanto, la investigación se llevó a cabo sobre una base más cualitativa, apoyándose en la interpretación de datos, basada en estudios ya realizados sobre préstamo y cambio de código. Como resultado, se puede atestiguar que ambos fenómenos son comunes en ese ambiente de contacto, con préstamos léxicos y gramaticales, además de un repertorio de ocurrencias de cambio de código, en ambas lenguas.

**Palabras Clave:** parkatêjê; lengua portuguesa; contacto de lengua.

## Introdução

Desde o momento em que o colonizador encontrou as terras onde hoje se situa o Brasil, houve também um encontro entre o português lusitano e as muitas línguas indígenas originárias dos povos que viviam no território. Por meio de projeções, Rodrigues (1993a, 1993b) hipotetizou um número de 1.200 línguas indígenas aproximadamente no ano 1.500, todavia, em 2024, estas não chegam a duas centenas. A língua portuguesa, que chegou ao Brasil na transição do século XV para o século XVI, não alcançou imediatamente todos os que aqui viviam, e demorou a se tornar a língua mais falada àquela altura. Prova disto é que, em 1757, uma lei real proibiu a utilização do tupinambá, em algumas instâncias, na colônia. Em 1759, os jesuítas foram expulsos, e a língua portuguesa poderia tornar-se definitivamente a língua oficial do Brasil, uma vez que aqueles foram acusados de estimular o uso das línguas gerais.

Com o passar dos séculos, com o desaparecimento de muitas línguas originárias, com o auge e declínio das línguas gerais, o português é, em 2024, a língua mais falada no Brasil. Essa mudança de status indica - tristemente - que muitas línguas originárias tradicionais estão em desuso ou em obsolescência, dada a situação de atrito linguístico e diglossia vividas nos diferentes contextos de contato



no país.

Vale destacar que, de uma perspectiva linguística, não há uma língua melhor ou pior que outra. No entanto, normalmente há conflitos em situações de contato linguístico. Lagares (2018, p. 132) aponta que a noção de conflito linguístico está posta quando existe “a impossibilidade de encontrar algum equilíbrio ou estabilidade quando há línguas em situação de desigualdade social.”, ou ainda quando a situação política linguística hierarquiza e torna as línguas desiguais, classificando-as como língua majoritária e língua minoritária. Foi exatamente isso o que ocorreu entre o português e as línguas indígenas desde o início do contato.

Thomason (2001, p. 11) argumenta que desde o início da humanidade, ou muito perto disso, os humanos logo falaram mais de um idioma, estando, pois, as línguas em contato, não havendo evidências de que algum sistema tenha se desenvolvido isoladamente, independente de outros. Línguas estão em contato quando elas são usadas alternadamente pelas mesmas pessoas, ou seja, por indivíduos bilíngues. (Crystal, 2006, p. 102)

O presente artigo pretende abordar uma situação específica de contato entre o português e uma língua indígena falada no sudeste do estado do Pará, na Amazônia: o parkatêjê, língua Timbira pertencente à família Jê e ao tronco linguístico Macro-Jê, a qual enfrenta a obsolescência, uma vez que já não é mais ensinada às gerações mais jovens, sendo falada por uma parcela restrita de seu grupo étnico.

O texto ora apresentado evidencia aspectos como *code-switching* e empréstimos em uma situação de desuso iminente que não pode ser desconsiderada, uma vez que a quantidade e a velocidade com que as mudanças ocorrem em línguas em tal situação são patentes, traduzindo-se em perdas rápidas de características linguísticas (Aikhenvald, 2002, p. 243-64). Na discussão e apresentação de dados, serão vistos exemplos de empréstimos e de *code-switching* entre parkatêjê e português, retirados de um livro publicado em 2011.

## Contato Linguístico e Interferência na Amazônia Brasileira: Português e Parkatêjê no Pará

O conceito de línguas em contato, de acordo Weinreich (1953), pode ser compreendido a partir de uma situação em que duas (ou mais línguas) coexistem em um mesmo espaço geográfico e essa coexistência afeta o comportamento linguístico de uma comunidade. Em situações dessa natureza, não há como não haver interferência entre as línguas, uma vez que traços de uma alcançam a outra, podendo permanecer nelas e se manifestar ou não, provocando mudanças significativas ou não. Desse modo, os processos de mudança e de variação linguística podem estar relacionados a contextos de fronteiras, movimentos migratórios, projetos de dominação cultural, movimentos identitários e outros.

Aikhenvald (2002, p. 1) define uma situação de línguas em contato quando uma porção significativa de falantes de uma língua tem alguma competência em outra. Para ela, o empréstimo, o *code-switching*, o *code mixing*, a interferência e a difusão são exemplos de mudança linguística.

O empréstimo, em sentido amplo, pode ser descrito como “[...] a transferência de traços linguísticos de qualquer tipo de uma língua para outra como resultado do contato” (Trask, 2000, p. 44).

O *code-switching* e o *code mixing* envolvem o uso alternado de duas (ou mais) línguas em um mesmo contexto sociocomunicativo. Hill e Hill (1986, p. 348) distinguem esses dois fenômenos: o *code-switching* seria significativo e apropriado, seguiria convenções estabelecidas e práticas; já o *code-mixing* ocorreria desordenadamente.

A interferência é mais restrita que o empréstimo por ocorrer na aquisição de L2. Além disso, o processo de interferência é mais complexo, por se manifestar em quaisquer línguas em contato, majoritárias ou minoritárias. Finalmente, a difusão caracteriza-se pelo espalhamento de um traço linguístico em uma área geográfica, podendo ocorrer de forma unilateral - quando advém de uma fonte; ou multilateral – se advém de várias.

O *code-switching* ou a alternância de código foi objeto de pesquisa da

dissertação de mestrado, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Pará, em 2012, pela Profa. Dra. Cinthia de Lima Neves, atualmente docente da Universidade Federal do Pará, no Campus de Breves, no arquipélago do Marajó. O trabalho de Neves, intitulado “Alternância de código em narrativas orais do povo Parkatêjê: aspectos linguísticos do contato com o Português”, apresentou dados selecionados e divididos em três categorias, de acordo com Poplack (1981): *tags*, alternâncias intrasentenciais e intersentenciais. Neves (2012) redigiu seu trabalho tomando como norte a noção de que a alternância de código ou *code-switching*, caracteriza-se pelo uso de duas ou mais línguas em uma conversação, de forma estruturada e ordenada, em que o falante emprega termos ou orações inteiras de uma língua enquanto fala outra na construção do seu discurso. O empréstimo e a morte linguística foram abordados brevemente como alguns dos resultados da alternância de códigos.

O presente trabalho pretende discutir novos dados de alternância e de empréstimos observados no uso do português étnico e no uso da língua indígena, mediante a ocorrência de *code-switching*, contribuindo com o debate a partir de observações feitas sobre uma língua que se encontra em estado de obsolescência.

## Situação sociolinguística

Os parkatêjê, outrora conhecidos como índios castanheiros, vivem no sudeste do estado do Pará, em plena Amazônia Brasileira, às proximidades do município de Bom Jesus do Tocantins. Sua reserva, que antes estava localizada distante das cidades mais próximas, atualmente está entre cidades que se desenvolveram rapidamente em, aproximadamente, cinco décadas. Por essa razão, o codinome da aldeia mais antiga da Terra Indígena Mãe Maria é *Kupějipôkti* que significa localizada ‘no meio dos *kupě* (não-indígenas)’.

O contato com o mundo *kupě*, por meio da língua portuguesa, ajudou na sobrevivência do povo parkatêjê e os fez independentes da perspectiva econômica, quando puderam se posicionar e dizer o que queriam para o seu futuro, lutando por justiça social no uso de seu território. Entretanto, o domínio da língua dominante

acabou sujeitando a língua tradicional a um lugar pequeno, que foi sendo cada vez mais reduzido. A língua portuguesa ocupou espaços sociais cada vez maiores no cotidiano do grupo, uma vez que era a língua dos estudos, das negociações com as empresas que cobijavam as terras da reserva indígena e da maior integração à sociedade envolvente.

No final dos anos 90, a ecologia linguística apresentava-se com um maior número de indígenas falantes da língua tradicional na comunidade, podendo-se sugerir níveis variados de bilinguismo. Mas, com a partida de muitos anciãos em torno de três décadas até o presente, a configuração da comunidade foi bastante alterada. As crianças já são monolíngues em Português há aproximadamente cinco décadas e a língua indígena vem sendo cada vez menos falada. Essas são as duas principais características para considerar o parkatêjê em estado de obsolescência: (i) a língua não estar mais sendo ativamente empregada, sendo limitada ao uso de uns poucos falantes fluentes idosos; (ii) a língua não estar mais sendo transmitida às novas gerações. Há esforços e interesse de alguns pequenos grupos nas comunidades para manter a língua e a cultura, no entanto, pouco tem sido efetivamente conquistado.

Ferreira (2005) descreveu brevemente alguns aspectos da língua portuguesa falada por um grupo de indígenas que ela tentativamente dividiu por faixas etárias. Foram observados aspectos fonético-fonológicos como substituição de sons fonológicos em que os velhos usavam /p/ no lugar de /f/ inexistente na língua indígena e a descentralização de vogais do parkatêjê na fala dos mais jovens, que tem feito uma vogal central como /i/ ser pronunciada como vogal posterior, como o /u/ do português, o que cada vez mais é atestado.

Ferreira (2005), no que diz respeito ao léxico, indicava que, provavelmente, pelo contato da língua tradicional com a Língua Portuguesa, e com o desconhecimento crescente da língua indígena, este foi significativamente afetado. Exemplificando distinções relacionadas ao uso de verbos especializados como comer, que, diferentemente do Português, apresenta raízes verbais específicas para indicar a ingestão de alimentos conforme sua consistência - *kukrê* e *kuku*, que parecem ser sinônimos para 'comer em geral'; *kuhô* para 'comer carnes macias,

como peixes’; *kãmxàr para* ‘comer triturando alimentos como castanhas e milho’; entre outros. No presente trabalho, é possível observar, além do que já havia sido atestado em 2005, o desuso de partes relevantes do sistema de parentesco dessa cultura, que reúne um conjunto de itens lexicais específicos para familiares paternos e maternos, além de itens lexicais para referir a parentes vivos e outro para parentes mortos. Da mesma forma, o emprego do léxico especializado da fauna e da flora está comprometido com a obsolescência da língua. Esse comprometimento se relaciona ao fato de a língua não estar mais sendo usada de forma ampla por todas as pessoas da comunidade - o que a tem levado ao ocaso.

Na seção a seguir, abordar-se-ão aspectos e características gerais do *code-switching* e do empréstimo.

## **Code-Switching e Empréstimo**

O *code-switching* é um fenômeno linguístico que se manifesta em comunidades de fala em que há duas ou mais línguas em contato. Os indivíduos falantes de tais línguas apresentam [algum grau de] bilinguismo, entendido, no presente trabalho, como a situação em que coexistem duas ou mais línguas como meio de comunicação em um espaço social específico (Savedra, 2009).

Algumas observações importantes sobre as características do *code-switching* constam no trabalho de Gumperz e Hernández-Chavez (1971, p. 300). Eles afirmam que “O que parece estar envolvido aqui [no processo de *code-switching*] [...] é um processo simbólico semelhante àquele através do qual as palavras transmitem informação semântica”. Jacobson (1998, p. 1), por sua vez, informa que:

A alternância entre códigos no discurso bilíngue é mais que um fenômeno randômico ocorrendo agora em uma língua e depois em outra, mas sim, um mecanismo estruturado de seleção de duas ou mais línguas na construção de sentenças.

Pesquisadores da área de sociolinguística procuraram identificar e descrever as funções a que servem, no discurso, as manifestações do *code-switching*, considerando-se que o uso da língua, a escolha linguística, vincula-se às relações

sociais claramente definidas. Nesse sentido, Heye (2003, p. 31) afirma que:

As abordagens sociolinguísticas tentam uma reaproximação entre língua e grupo social do falante, onde a língua é um dos recursos disponíveis para a produção cultural – esquemas perceptivos e interpretativos segundo os quais o grupo produz um discurso de sua relação com o mundo e com o conhecimento.

O empréstimo é um fenômeno linguístico que ocorre em consequência do contato linguístico-cultural entre duas ou mais comunidades, podendo se manifestar em ambas as direções entre as duas línguas em contato. A maioria das vezes quase sempre se verifica assimetria no que diz respeito ao número de itens lexicais que seguem de uma para outra língua. Muysken (1995, p. 189) considera um empréstimo como a incorporação de elementos lexicais de uma língua no léxico de outra.

Os empréstimos também ocorrem quando uma língua tem algum poder social, financeiro ou prestígio sobre a outra. Todavia, o processo por meio do qual ocorrem os empréstimos é complexo e envolve eventos de uso de uma determinada palavra – que será emprestada. Seria mais simples se o empréstimo fosse de fato usado apenas em caso de ausência de um termo para designar algo existente em uma, mas não em outra língua. No entanto, nem sempre é assim. Muitas vezes, o falante usa um item lexical de uma língua considerada de prestígio para imprimir em seu discurso um caráter de valor, conhecimento de causa ou mesmo de autoridade.

Em seu texto Weinreich (1968) considerou três razões principais para que as línguas emprestassem termos de outras, entre os quais estão: (i) a tendência de substituição de palavras usadas com menor frequência; (ii) a premência da expressão de domínios relacionados à emoção, à comida e à comunicação; (iii) a força da menção a novos conceitos que reflitam as mudanças ocorridas rapidamente em áreas como a tecnologia, a política, a cultura e a economia nas sociedades contemporâneas.

Considerando essa necessidade de referir novos conceitos, Grosjean (1982) indica ser, portanto, o empréstimo lexical o principal produto decorrente de uma situação de línguas em contato. É comum que, em uma dada língua, embora haja uma palavra para referir um conceito, uma palavra de outra língua - tida como de

status mais alto - seja empregada, por exemplo, para indicar uma nova perspectiva de algo já existente na língua de origem. Por exemplo: em português brasileiro, apesar de haver palavras e expressões como resposta, saber como fazer ou prazo, em alguns contextos o emprego de *feedback*, *know-how* e *deadline* torna-se usual. Essa adoção de novas palavras pode indicar a complexidade do que é o empréstimo de palavras de uma língua para outra. Possivelmente pode haver alguma conexão com as propriedades discursivas do falante, sendo necessário investigar essa questão.

Uma situação de contato linguístico ocorre em contextos bilíngues ou plurilíngues. Normalmente, em tais situações, o *code-switching* ocorrerá correntemente tornando-se a via por meio da qual os empréstimos serão efetivados. Considerando-se os dados observados da língua parkatêjê, pode-se verificar empréstimos cujos itens são de natureza lexical, mas também gramaticais.

A diferenciação entre empréstimo e *code-switching* não é simples. Ao contrário, é bastante complexa, considerando-se os múltiplos aspectos que precisam ser observados (Cristino, 2008). Pode-se pensar que o *code-switching* abarca o empréstimo. No entanto, é possível pensar que o empréstimo pode ocorrer em situações de *code-switching* e fora dessas.

Weinreich, Labov e Herzog (2006), partindo do princípio de que a mudança linguística é um processo diacrônico, argumentam que não é simples e óbvio determinar quando um item lexical torna-se um empréstimo e seu emprego não é mais visto como *code-switching*. O que se pode depreender disso é que o emprego de um dado item não é de imediato visto como empréstimo. Na medida em que esse item passa a existir no repertório linguístico de uma comunidade, seu uso já não pode mais ser caracterizado como alternância.

Grosjean (1982), em uma tentativa de distinguir empréstimo de *code-switching*, explicita que o primeiro não requer fluência em uma segunda língua; torna-se parte do léxico de indivíduos monolíngues e bilíngues; são assimilados por meio de processos morfológicos/fonológicos. Estudos mostraram que nem sempre a palavra ou expressão “emprestada” está integrada fonologicamente na língua, o que fez com que Poplack (1980) e Gumperz (1982) chegassem à conclusão de que os

empréstimos seriam caracterizados como palavras integradas à morfossintaxe da língua que os tomou emprestado, enquanto que o *code-switching* reteria as inflexões e características de uma dada língua. Além disso, há uma diferenciação relacionada à função dos dois fenômenos: o empréstimo tem a função de preencher uma lacuna na língua que o adota, enquanto o *code-switching* é motivado por fatores sócio-discursivos.

No que diz respeito a uma língua em situação de obsolescência, muitas vezes, não há tempo de um dado item emprestado ser integrado à ela – seja fonológica ou morfossintaticamente, uma vez que uma língua minoritária cujo uso vem sendo reduzido, sofre pressões que afetam as mudanças linguísticas, acelerando-as de modo a causar flutuações nos padrões descritos em um dado momento.

A distinção entre *code-switching* e empréstimo é tema bastante controverso em situações de línguas em contato e, ainda hoje, não há consenso sobre o assunto na literatura.

De acordo com Treffers-Daller (2023, p. 3), Poplack (2018) define empréstimo como “o processo de transferência ou incorporação de itens lexicais originários de uma língua no discurso de outra.” E propõe que LOLIs (*lone other language itens*) são empréstimos, enquanto ‘*multiword stretches*’ (trechos compostos por várias palavras (tradução minha)) de outra língua são *code-switches*, ou alternâncias de código. Poplack também indica que empréstimos tendem a ser frequentes e difundidos em uma comunidade. Treffers-Daller (2023, p. 3) afirma que Poplack, em outra parte do livro, sugere que eles deveriam ser usados por ao menos dez falantes e integrados morfossintaticamente à língua receptora.

Treffers-Daller (2023, p. 3) afirma que é difícil a distinção entre empréstimo e *code-switching*, tanto da perspectiva conceitual, quanto da empírica, e apresenta em uma tabela constituída pelos diferentes critérios que têm sido usados para distinguir empréstimo de *code-switching*, entre os quais estão: (i) ser um item lexical simples; (ii) ser uma unidade com várias palavras (à exceção de compostos); (iii) apresentar integração sintática; (iv) apresentar integração morfológica central; (iv) apresentar integração morfológica periférica; (v) apresentar integração fonológica; (vi)

apresentar integração semântica; (vii) ser largamente empregado na comunidade bilíngue; (viii) estar listado no léxico mental dos bilíngues ou em um dicionário da língua receptora; (ix) ter emprego frequente na língua receptora (como mostrado no *corpus* bilíngue); (x) ser passível de substituição por um item na língua receptora (ou estar em competição com); (xi) monolíngues da língua receptora fazem uso dele. À exceção de (ii) e (iv), que são listados como característicos do *code-switching*, todos os demais critérios ocorrem no empréstimo.

Comentando os critérios, Treffers-Daller (2023, p. 3) analisa que vários deles não têm importância equivalente, não estando, portanto, em uma mesma hierarquia de relevância. Para começar pelo fato de o *corpus* bilíngue ser, em geral, pequeno quando comparado ao monolíngue, não haveria sentido em serem esses comparados. A esse respeito, Poplack (1980, p. 57) afirma que “[...] palavras emprestadas tendem a não ser recorrentes.” Em relação ao critério de frequência, segundo a autora, esse não deveria ser usado, pois a maioria dos itens da língua doadora foram considerados empréstimos não frequentes. Seria ainda desejável conhecer mais adequadamente as normas de uma comunidade de fala quanto à aceitação de certos empréstimos ou alternância de códigos, o que não parece ocorrer.

No caso de uma língua em perigo de desaparecimento, com um número pequeno de falantes fluentes, é difícil o caminho para investigar critérios como os relacionados à integração, seja ela fonológica, morfológica central ou periférica, sintática e semântica; além de observar o quão um dado empréstimo é amplamente empregado na comunidade bilíngue - o que certamente implica em estar listado no léxico mental dos bilíngues, entre outros. Alguns desses critérios de fato não podem ser observados em todas as situações sociolinguísticas devido a determinadas particularidades.

A língua parkatêjê, por ser uma língua ameaçada que conta atualmente com poucos falantes fluentes já idosos, não apresenta um *corpus* bilíngue que possa ser trabalhado nos moldes de línguas em outra situação sociolinguística. Nem mesmo o *corpus* monolíngue existente cobre todas as esferas da vida em sociedade daquele povo.

No que diz respeito ao *code-switching* em parkatêjê, observa-se uma ocorrência bem mais frequente do fenômeno que há três décadas, embora não se tenha uma quantificação que comprove essa observação em uma espécie de antes e depois. O discurso é traçado entre duas línguas pendendo, em grande parte, para a língua portuguesa. Os trechos de conversação em língua indígena sempre estão entremeados com partes significativas de fala em português, considerando-se a coleta de dados de falantes distintos em inúmeros aspectos como gênero, faixa etária, entre outros, para além da questão do interlocutor, que nem sempre é bilíngue na língua tradicional ou a detém como sua língua de herança. Eis aqui uma distinção das situações normalmente relatadas em estudos sobre *code-switching* e/ou empréstimos, por exemplo.

Um exemplo retirado de um livro produzido a partir de uma experiência pedagógica que envolveu jovens senhoras da comunidade responsáveis pela transcrição das falas gravadas pelo Chefe Krôhokrenhũm, em 2010, também ilustra um caso analisado como *code-switching*. Por decisão do Chefe tradicional - cioso de deixar registradas suas memórias para o seu povo - o livro *Me Ikwy Tekiê Ri* [Isto pertence ao meu povo] foi escrito em português. Toprãmre Krôhokrenhum Jõpaipaire tinha a compreensão de que um livro escrito em língua tradicional demoraria bem mais a ser elaborado, além de poder se tornar inacessível aos seus. Desse modo, todo o contexto do livro é sobre sua vida mediante a de seu povo, liderança, questões da tradição, cultura e crenças indígenas, havendo partes dos textos em língua tradicional, devido aos fenômenos aqui descritos. No trecho abaixo selecionado, ele, explicando sobre remédios usados para favorecer o parto, faz um aparte importante para deslindar sobre uma determinada *pàrkà* 'casca de árvore'. Ao fazer referência à casca de árvore em um trecho de língua portuguesa, tem-se um empréstimo; mas a explicação constituída de um trecho amplo constitui um caso de *code-switching*,

Quando era a primeira barriga da mulher, a parteira dava remédio pra ela ter um bom parto. Ela pintava a barriga da mulher grávida com qualquer coisa, com *pàrkà*, aquele *pàrkà* liso – *pàrkà inkre kririare mē awarare jàkà katut kuprãn kãmã kukrà*, que é uma casca de pau pra fazer remédio pra mulher grávida (Krôhokrenum, 2011, p. 115).

No que diz respeito ao empréstimo, considera-se a afirmação de Treffers-Daller (2023, p. 19) sobre o fato de que esses, mas não necessariamente, podem consistir de uma única palavra; eles podem, mas não carecem ser integrados morfossintaticamente ao sistema da língua receptora e podem ser sintaticamente frequentes em um banco de dados, mas geralmente não o são.

Observando as variedades do português étnico empregado pelos parkatêjê de diferentes gerações, pode-se dizer que há algumas semelhanças, assim como há também distinções entre elas, considerando-se que os mais jovens aprenderam o português como primeira língua em um universo cultural parkatêjê.

No entanto, salvaguardadas as diferenças fonético-fonológicas, especificamente no que diz respeito a empréstimos da língua indígena para a variedade étnica de língua portuguesa, pode-se verificar o uso de itens lexicais como *kupê para* ‘não-indígena’, *ituware para* ‘sobrinho’, *kahàk para* ‘mau/ruim’, *mpej para* ‘bom/está bom’, *krã para* ‘sim/certo’. Parte dessas diferenças é nominal, parte é discursiva, quando os indígenas estão em interação com os não-indígenas que trabalham na reserva ou que a visitam, ou mesmo quando estão nas cidades circunvizinhas para fazer tratamento de saúde ou realizar compras.

Muitos não-indígenas que têm contato regular com os parkatêjê conhecem o significado e fazem uso dessas palavras com eles falando língua portuguesa. Desse modo, podemos considerar tais dados como exemplos da língua indígena empregados como empréstimos em uma variedade local de língua portuguesa. Esses itens estão em competição com os do português, pois há palavras da língua majoritária que poderiam ser empregadas no contexto de uso em tela. No entanto, é provável que não imprimam a relevância que os indígenas desejem dar aos seus discursos, inclusive no que diz respeito a marcarem suas identidades étnicas.

Alguns trechos para exemplificar tais observações:

(2) “Eles tinham descido e matado *kupê* aqui no Mãe Maria. Estavam procurando a roça e mataram *kupê*. Parece que arrumaram um índio para os ir acompanhando, guiando-os até chegar lá na aldeia *Krôhôk*. Fazia um ano que nós estávamos lá, então *kupê* chegou, mas não atacou.”

(3) “Eu botei pra experimentar isso, esse trabalho do meu livro, com as meninas, pensando que elas com preguiça não queriam, mas elas pegaram e fizeram trabalho *mpej!!!*”

(4) “O ouriço acabou com a cabeça dele, bem aí, quebrou tudo, mas ele resistiu, *krākajĩn* [o miolo] estava todo de fora.” (p.33)

(5) “Aconteceu a doença na aldeia *Kaxàtati*. Foi no *Kaxàtati* que aconteceu a doença. Lá era uma aldeia nova e essa doença que deu no povo dava muitas dores do lado, embaixo da costela direita. Não sei o que era, mas lembro que o caboco gemia até morrer. Foi assim que todo mundo se acabou. Parece que era alguma doença no baço, ou no fígado, ou na vesícula. Não tinha doutor, não tinha médico para abrir, pra tirar a doença. Então, por causa disso, todos morreram. A doença era nessa parte do corpo, no lado, *ijõpòk kãm* (do lado direito) e *ijõke kãm* (do lado esquerdo).”

Os topônimos empregados nos trechos (2) e (5) podem ser analisados como empréstimos que suprem lacunas por serem itens inexistentes em língua portuguesa. Já os empréstimos de língua portuguesa durante a conversação em língua indígena resvalam em palavras/expressões como *não é* (ex.6), *aí* (ex.7), *assim*, que podem ser analisadas como marcas discursivas; e também *mas* [maj] (ex.6), *cada* (ex.7) , analisadas como marcas gramaticais, em que *mas* funciona como conectivo e *cada* como um item que destaca o nome *mêhõkre* ‘cantiga’ (ex.7). Além desses há a ocorrência de empréstimos de cunho lexical como dinheiro (ex.8).

(6) **Não é**...itara pê ikator inõre, kàj rum pê ikator, itũmti ijikato, hõpun wa kupẽ kãmpar kêtêre. Wa [kãmpar, kãmpar,] kãmpar kêtêre kormã apte ikakòk jakòtòre ikakòk jakòtòre **maj** jarkwa nã mu tapa kormã tapa amu tojapak tajti kormã  
Tradução: “Não é/foi aqui que eu nasci, foi na floresta, no rumo do rio, por isso eu entendo muito pouco da língua do não-índio. Eu entendo muito pouco o português, meu domínio dessa língua é curto, *mas* a minha língua eu não esqueço, eu ainda lembro bem, muito bem”

(7) **Cada**... mêhõkre taihoti mẽ kymã mũ mẽ hõkre aihoti **aí**. Aiko mẽ aiku kòt kre inõre aitehe kumẽ kre. Hõpun wa aitekre, aitekre nã jõkre to aitekre jõkre to, **não é, não é**... mẽ kòt toj **não** mẽ kòt to wa nare kãmã ijõkre ite mã ljõkre **assim** jũmũ jakre inõre pa wa pipẽ **aprende nã**  
Tradução: “Cada cantiga era cantada com um tipo de voz *aí*. Eu escutava e depois cantava sozinho eu mesmo. Vejam! Eu canto porque eu canto mesmo, sozinho, a minha própria música, não é, não é... eu canto mesmo não e canto minha cantiga. Minha cantiga assim, ninguém me ensinou, eu aprendi sozinho por mim mesmo.”

(8) i-te aipi-antir dinheir kòt mã Daniel-te i-mã mil reai  
Tradução: “Eu sonhei com dinheiro e Daniel me deu mil reais”

Esses exemplos são uma amostra pequena de como os fenômenos de *code-switching* e empréstimo convivem e ocorrem cotidianamente nos discursos dos falantes de parkatêjê e de português. A análise dos dois fenômenos confirma muitos

achados em trabalhos consagrados e seminários sobre a questão. O olhar bilateral para as duas línguas também revela aspectos que carecem ser detalhados mais detidamente, como é o caso dos empréstimos do parkatêjê à variedade local do português. Além das marcas gramaticais emprestadas do português para o parkatêjê.

## Metodologia

A metodologia empregada para a elaboração do presente trabalho está pautada na pesquisa bibliográfica de estudos já realizados, fundamentados no arcabouço teórico de Sociolinguística, especificamente em contato de línguas. Nesse âmbito são observados diferentes fenômenos, entre os quais constam os empréstimos, *code-switching*, convergência, interferência, entre outros. O trabalho, porém, enfatiza ocorrências de empréstimos e de *code-switching*.

Os exemplos das ocorrências mencionadas foram extraídos do livro “*Me ikwỳ tekjê ri: Isto pertence ao meu povo*”, publicado em 2011. Esse livro foi financiado pela antiga Companhia Vale do Rio, atualmente Vale, que se define como uma mineradora global, a qual tem uma base de exploração de minérios em Marabá, no Pará, e cuja estrada de ferro passa por dentro da Reserva Indígena do Povo Parkatêjê. Os impactos ambientais causados a essa Terra Indígena resultaram em uma indenização obtida pelos indígenas mediante a Justiça Federal.

O livro, no ano de sua publicação, foi distribuído para toda a população indígena. Trata-se de uma obra de referência, com fotos, com um total de 196 páginas e com um CD com uma peça de teatro com episódios escolhidos do livro encerrada pelos jovens da comunidade. É um material importante para os povos timbira e povos afiliados geneticamente ao tronco Macro-Jê, além dos demais povos indígenas do Brasil. Um dos objetivos é que ele seja amplamente utilizado na educação escolar indígena nas comunidades timbira do Pará.

Os dados para compor o corpus do presente artigo foram selecionados do livro “*Me ikwỳ tekjê ri: Isto pertence ao meu povo*”, a partir de dois critérios: (i) conter um dos dois fenômenos; (ii) estar suficientemente compreensível. Esses dados em

língua indígena estão escritos na ortografia do parkatêjê e aparecem no artigo considerando-se a organização do trabalho e dos fenômenos em estudo.

Com base nos textos teóricos lidos e pesquisados e nos exemplos selecionados optou-se por uma análise de base qualitativa, fundamentada em distinções feitas no texto de Treffers-Daller (2023), sem desconsiderar, entretanto, as outras leituras feitas.

## Considerações finais

Em uma situação de línguas em contato, quando falantes de línguas diferentes interagem estreitamente, essas influenciam umas às outras, considerando-se fatores demográficos e sócio-políticos. Em tais situações, vários fenômenos são verificados, entre os quais o *code-switching* ou alternância de códigos, os empréstimos e a convergência, por exemplo. Se uma das duas línguas é indígena e a outra a língua é majoritária de um país, como no caso do presente artigo, quase sempre se observam línguas em uma situação de diglossia e em que há sobreposição da segunda sobre a primeira, o que pode culminar no desuso da língua minoritária.

O desuso de uma língua pode levá-la a uma situação de obsolescência caracterizada pelo fato de a língua não ser mais transmitida a novas gerações, sendo falada apenas por alguns indivíduos de uma geração mais idosa. Em tais casos, as mudanças ocorrem de forma acelerada.

No que diz respeito aos empréstimos, alguns critérios mencionados na literatura que se aplicam de forma variável são o de que eles podem, mas não precisam consistir de somente uma palavra; podem, mas não precisam estar integrados morfossintaticamente e podem ser frequentes em um banco de dados, embora geralmente não o sejam.

Conclui-se que os dados do parkatêjê revelam que há dois tipos distintos de ocorrência de itens de uma língua na outra: (i) alguns em que o material se apresenta de forma mais extensa como frases, orações e períodos, em trechos de língua portuguesa; (ii) outras em que o material restringe-se a itens simples lexicais, discursivos ou funcionais ou gramaticais. Os primeiros ilustram o *code-switching* e os

segundos os empréstimos, considerando-se, sobretudo, a forma pela qual são manifestados. Observa-se que a conversação em língua indígena está quase sempre entremeada com partes significativas de fala em português, mesmo com falantes distintos, em que aspectos como gênero, faixa etária, entre outros sejam considerados, para além da questão do interlocutor, que nem sempre é bilíngue na língua tradicional ou a detém como sua língua de herança. Essa é uma distinção das situações normalmente relatadas em estudos sobre *code-switching* e/ou empréstimos, por exemplo.

A contribuição de um estudo dessa natureza está em ampliar o conhecimento da realidade multilinguística do Brasil, em que línguas originárias convivem com o português, mas também com outras línguas, sendo essas situações de contato epicentros para pesquisas. Ao abordar uma situação específica de contato entre o português e o parkatêjê, o presente trabalho apresentou novos dados de *code-switching* e de empréstimos observados no uso do português étnico e no uso da língua indígena, contribuindo com o debate a partir de observações feitas sobre uma língua que se encontra em estado de obsolescência.

## Referências

AIKHENVALD, A. *Language contact in Amazonia*. Oxônia: Oxford University Press, 2002.

CRISTINO, L. S. *Bilinguismo e code-switching: um estudo de caso*. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

CRYSTAL, D. *Language death*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.  
FERREIRA, M. Descrição de aspectos da variante étnica usada pelos Parkatêjê. *DELTA*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 1-21, 2005. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/37336>. Acesso em: 7 mar. 2024.

GROSJEAN, F. *Life with two languages: an introduction to bilingualism*. Cambridge: Harvard University Press, 1982.

GUMPERZ, J. J. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

GUMPERZ, J.; HERNANDEZ-CHAVEZ, E. Bilingualism, bidialectalism and

classroom interaction. *In: CAZDEN, E.; JOHN, V. P.; HYMES, D. The functions of language in the classroom.* New York: Teachers College Press, 1971.

HEYE, J. Considerações sobre bilinguismo e bilingualidade: revisão de uma questão. *Revista Palavra*, Rio de Janeiro, v. 11, p. 30-38, 2003.

HILL, J. H.; HILL, K. C. *Speaking mexicano: dynamics of syncretic language in central Mexico.* Tucson: University of Arizona Press, 1986.

JACOBSON, R. *Codeswitching worldwide.* Berlin: Mouton de Gruyter, 1998.

KRÔHÔKRENUM, T. J. *Me ikwỳ tekjê ri: isto pertence ao meu povo.* Marabá: Gknoronha, 2011.

LAGARES, X. C. *Qual política linguística? desafios glotopolíticos contemporâneos.* São Paulo: Parábola, 2018.

MUYSKEN, P. Code-switching and grammatical theory. *In: MILROY, L.; MUYSKEN, P. (ed.). One speaker, two languages.* Cambridge: Cambridge University Press. 1995. cap. 9, p. 177-198.

NEVES, C. L. *Alternância de códigos em narrativas orais do povo parkatêjê.* 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

POPLACK, Shana. Syntactic Structure and Social Function of Code Switching. In R.P Duran. (Ed.). *Latino Discourse and Communicative Behavior.* New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1981.

POPLACK, S. *Borrowings: loanwords in the speech community and in the grammar.* Oxônia: Oxford University Press, 2018.

POPLACK, S. Sometimes I'll start a sentence in Spanish y termino en español: toward a typology of code-switching. *Linguistics*, Cambridge, v. 18, n. 8, p. 581-618, 1980.

RODRIGUES, A. D. Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. *DELTA*, São Paulo, v. 9, n.1, p. 83-103, 1993a.

RODRIGUES, A. D. Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. *Ciência Hoje*, Rio de Janeiro, n. 95, p. 20-26, 1993b.

SAVEDRA, M. M. G. Bilinguismo e bilingualidade: uma nova proposta conceitual. *In: SALGADO, A. C. P.; SAVEDRA, M. M. G. (org.). Sociolinguística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato.* Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

THOMASON, S. G. *Language contact: an introduction*. Washington: Georgetown University Press, 2001.

TRASK, R. L. *A dictionary of grammatical terms in linguistics*. Abingdon: Routledge, 2000.

TREFFERS-DALLER, J. The simple view of borrowing and code-switching. *International Journal of Bilingualism*, Thousand Oaks, p. 1-24, 2023.

WEINREICH, U. *Languages in contact*. Hague: Mouton, 1953.

WEINREICH, U. *Languages in contact: findings and problems*. Hague: Mouton, 1968.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

*Recebido em: 03 abr. 2024.*

*Aprovado em: 15 mai. 2024.*

*Publicado em: 30 jun. 2024.*

*Revisor de língua portuguesa: João Pedro Buzinello Michelato*

*Revisora de língua inglesa: Gabrieli Rombaldi*

*Revisora de língua espanhola: Laura Marques Sobrinho*

